

N.º 1. Apresentação

Os Missionários da Consolata dão-lhe as boas vindas a Fátima e ao seu **Museu de Arte Sacra e Etnologia!**

O Instituto Missionário da Consolata foi fundado em Itália, na cidade de Turim, em 1901, pelo Beato José Allamano com o objectivo de formar missionários e promover a animação evangelizadora da Igreja. Actualmente estão presentes em mais de duas dezenas de países.

Em Portugal, foi Fátima, a localidade escolhida para, em 1943, abrirem o seu primeiro seminário.

A ideia de construir um Centro de Animação Missionária surgiu quase contemporaneamente com a fixação do Instituto em Fátima.

Por vários motivos, o projecto foi sucessivamente adiado até que a partir de 1985 se pensou seriamente na sua concretização.

Assim, em 1991, abriu ao público o Centro Missionário Allamano composto por várias salas destinadas à Animação Missionária e um Museu de Arte Sacra e Etnologia com o objectivo de introduzir o visitante no espírito missionário da Igreja e levá-lo a participar com ela no esforço da evangelização do mundo.

É este magnífico espaço que irá ter a oportunidade de conhecer. Decerto que irá apreciar. Boa visita!

N.º 2. Sala da Natividade

Aquele que é a palavra fez-se homem e veio morar no meio de nós cheio de amor e de verdade

João 1.14

Os Meninos Jesus aqui expostos constituem o maior conjunto patrimonial que, nas colecções museológicas portuguesas, representa o tema de Jesus Cristo na infância.

Reunidos pela fé e pela dedicação coleccionista do Padre António Rosado Belo, alguns agrupamentos de peças de importante valor artístico, dão testemunho das grandes linhas da história devocional e cultural do Menino Jesus no nosso país.

Destacam-se, pelo número e pela qualidade, as imagens flamengas e luso-flamengas, uma significativa reunião de estampas impressas, assim como o mais completo acervo de Menino Jesus metálicos, originalmente policromados, que se conserva em Portugal.

N.º 3 Maquineta – Presépio

Esta peça, data de final do século XVIII e é proveniente da Terra Santa.

A caixa é de secção rectangular, com a face posterior mais elevada que a anterior, alargando-se em direcção ao cimo e assente sobre cinco pés. O frontal e o topo são envidraçados. Gravado em madrepérola existe uma decoração iconográfica relacionada com o presépio. No registo inferior, enquadrados pelas cabeças dos animais da gruta (a vaca e o burro), dispõem-se simetricamente querubins e pastores em adoração carregando presentes; ao centro, dois anjos turiferários.

Nos lados esquerdo e direito, respectivamente, as imagens da Virgem e de São José. No registo superior apresenta os três Reis Magos conduzidos pela estrela de Belém; desenvolve-se em forma de duas volutas afrontadas que se elevam em direcção ao centro, onde três anjos relevados seguram uma faixa com a inscrição. Sobrepõem-se-lhe um remate trilobado, em qual se insere a representação de Deus Pai, com o nimbo triangular, o ceptro na mão direita e o globo terrestre encimado por cruz; sobre o peito a pomba do Espírito Santo envolta por nimbo circular. Anjos músicos completam a decoração.

N.º 4 Coleção de Meninos Jesus metálicos

Fundidos e originalmente policromados, estes Meninos Jesus são quase todos de execução em territórios hispânicos do extremo oriente asiático, como se pode concluir por análise comparativa com outros exemplares inventariados noutras colecções da Península Ibérica, nomeadamente com os que se conservam no Museu de Santa Cruz de Toledo, no Mosteiro de Santa Úrsula da mesma cidade ou no Mosteiro de Santa Inês de Sevilha.

Quase todos partem de protótipos formais europeus, nomeadamente flamengos ou hispano-flamengos dos quais, para além do tipo iconográfico do Salvador do Mundo, copiam o modelo da postura,

das formas roliças, das pernas rechonchudas e das nádegas apertadas, modelo de grande fortuna que manterá a sua popularidade até ao final do período barroco

Nos territórios extremo orientais, e sobretudo nas Filipinas, o trabalho de oficinas dedicadas à execução de peças muito semelhantes trai-se em pormenores muito concretos, como podemos verificar nos olhos rasgados à oriental e nos cachos “búdicos” dos cabelos dos Meninos Jesus relevados ao centro da testa.

Este importante núcleo de Meninos Jesus metálicos, até hoje o único inventariado em Portugal em colecções museológicas, sublinha mais uma vez a importância que os modelos europeus tiveram dentro e fora da Europa para a criação,

através de um processo mimético, de “descendências” formais e iconográficas que se difundem quer internamente, quer por todos os outros continentes.

N.º 5 Adoração dos Magos

Este belo presépio do século XVIII, concebido em terracota policromada encontra-se assente sobre o torrão original e tem em plano secundário a cidade de Jerusalém. Os Reis Magos adoram a Sagrada Família que se encontra acima de todos os espectadores no alto de três degraus. Trata-se, obviamente, do número simbólico da Trindade.

No canto superior esquerdo, encontra-se ainda a representação de um tema cujo aspecto simbólico só conhecemos paralelo noutros dois presépios portugueses, o Presépio das Necessidades e o do Palácio de Queluz: uma caçada.

A perseguição a um cervo, tema muito comum na azulejaria do século XVIII, nomeadamente em espaços conventuais, é uma alegoria da alma que busca Cristo Salvador. Os cães e os caçadores são uma representação dos vícios e tentações a que a alma humana está sujeita, mas o nascimento do Menino dá a esta luta uma expressão mais optimista, garantindo o sucesso na vitória contra pecados do Mundo.

N.º 6 Meninos Jesus da Paixão

Durante a época barroca, século XVII e XVIII, e ainda sob a acção do Concílio de Trento difundiu-se o gosto e a sensibilidade pela piedade, resultando em vários temas iconográficos que reflectiam esse sentimento.

Começam a abundar nas representações artísticas da época temas martirológicos, como a Paixão, os Sagrados Corações, as Pietás e o Menino Jesus.

A representação escultórica do Menino Jesus isolado foi popularizada no século XVI com a criação da Associação do Menino Jesus, pela carmelita francesa, Irmã Margarida do Santíssimo Sacramento.

Meninos Jesus munidos de símbolos do Seu Martírio: coluna, martelo, pregos, cruz, coroa de espinhos, entre outros, aludindo à Sua Paixão e Morte começam a surgir muito ao gosto da estética barroca, privilegiando valores antagônicos como a ideia de infância e morte.

A inocência expressa pela representação de Cristo, enquanto criança acompanhado com os atributos da Paixão tinha como objectivo comover o coração dos Crentes.

N.º 7. Sala da Paixão e Morte do Senhor.

Deus amou de tal modo a humanidade que lhe entregou o seu filho único para que todo aquele que acreditar no filho de Deus não se perca mas tenha a vida eterna.

João 3, 16

Encontra-se aqui reunida uma vasta e valiosa colecção de figuras relativas à paixão e morte de Cristo, dos séculos XIV ao XX, recolhidos pelo Padre Rodrigues Vermelho.

Como exemplares mais recuados, registam-se um Cristo em madeira e três cruzeiras processionais executadas em metal do século XIV.

Os materiais em que os Cristos são executados são dos mais diversos: madeira, alabastro, marfim, madrepérola, entre outros.

Alguns deles, o seu universo de origem, encaminha-nos para as possessões portuguesas no Índico.

Encontram-se igualmente expostos paramentos, alfaias litúrgicas e oratórios que demonstram a piedade familiar portuguesa.

Nesta Sala pode ainda admirar a Pietá de José Ferreira Thedim, o autor da imagem de Nossa Senhora de Fátima que se encontra na Capelinha das Aparições.

N.º 8. Senhor da Paciência

Este Cristo datado do século XVIII, encontra-se sentado, despojado de todas as vestes e apresenta-se perante os crentes como se de novos carrascos se tratassem. Jesus Cristo surge representado como paciente homem de angústias, como ilustre varão das dores, personificando a humanidade divina.

A tipologia de Senhores da Paciência terá tido, em Portugal, um modelo comum ainda não determinado, mas de que se conservam inúmeras réplicas como, por exemplo, as peças que são propriedade do Museu de Portalegre, do Museu Nacional de Arte Antiga ou, mais longe, do Museu de Arte Sacra do Funchal.

Sendo todas executadas em barro, têm como matriz formal uma escultura clássica conhecida como Torso Belvedere, um dos modelos da Antiguidade mais inesgotável na inspiração da escultura europeia hoje no Museu Pio Clementino do Vaticano.

N.º 9 Cristo

É a mais antiga peça que o museu conserva, data de finais do século XIV, princípios do século XV. Este, mantém características mais próximas dos crucifixos dolorosos e deverá ser de execução nórdica da região flamenga ou, mais especificamente, das oficinas do ducado do Brabante ali sediadas ou, eventualmente, a trabalharem já na Península Ibérica, tal como sugerem a leitura do esculpido do tronco e das pernas.

Apesar de ter perdido os membros superiores, a sua fisionomia apela exactamente à devoção mais comovente da contemplação do sofrimento na cruz.

É uma figura descarnada, de pernas esqueléticas, costelas salientes e bem marcadas em feixes horizontais, demonstrando nisto uma das suas expressões arcaizantes que se prende com os Cristos medievos, nomeadamente com os modelos do século XII. Este sentido, que contrapõe à figura esguia do corpo de Cristo linhas horizontalizantes, vem ainda a ser sublinhado pelas finas pregas do cendal que lhe emprestam uma maior delicadeza e mesmo desmaterialização transcendente. Assim, perante o crente, a figura alcançava mais facilmente o objectivo místico: elevar-se para além da terra, do corpo, ser pura luz, afastar qualquer treva.

N.º 10 Três cruzes processionais executadas em metal

A Cruz número um, sendo formalmente muito simples, apresenta gravados nas extremidades da haste e dos braços, os símbolos do Tetramorfo (os Quatro Evangelistas) e, na sua intersecção, o Pantocrator (Filho de Deus todo poderoso).

Quer pelo recorte formal destas peças, com as extremidades flordelisadas, quer pela própria iconografia que ostentam, nomeadamente o Cristo em metal fundido que uma das cruzes integra, verificamos serem espécimes cronologicamente situáveis nos finais do século XIV ou nos inícios do século seguinte.

Apesar de terem características de execução técnica muito pouco elaboradas, a sua classificação deverá ter em conta uma realidade mais abrangente, inserida numa tipologia de cruces fabricadas, eventualmente, na Península Ibérica, cujo tipo e género se encontra já bem definido. Se os primeiros exemplares deste tipo são datáveis do século XIV, a difusão e aceitação deste modelo foi, na Península Ibérica, de tal modo profícua que se fabricaram até ao final do século seguinte. Demonstram uma tendência para o alteamento da cruz relativamente às cruces processionais de séculos anteriores, embora o preenchimento ornamental do campo surja de tal forma profuso que as alfaias parecem atarracadas.

As flores-de-lis de remate adquirem formas perfeitamente destacadas e proporções desmesuradas, as extremidades das suas pétalas encurvam-se para o exterior, enquanto o campo na intersecção dos braços com as hastes tem forma quadrangular.

N.º 11. Sala da Ressurreição e da Missão

Ide por todo o Mundo e Anunciai a Boa Nova a Toda a Gente

Marcos 16,15

Através de várias peças de arte, textos, mapas e reproduções fotográficas dos diversos continentes, descreve-se o caminho percorrido pelo Evangelho desde o Pentecostes em Jerusalém até aos nossos dias.

Coloca-se em evidência, na história, a participação portuguesa na época dos descobrimentos e na actualidade, a missão perante as culturas e as religiões.

N.º 12. Candelabro das Trevas

Esta era uma peça colocada no presbitério, onde se costumava cantar a Epistola. Era constituído por encaixes com lugar para quinze velas, dispostas a subir de dois lados de um triângulo. Um acólito apagava as velas, uma a uma, no fim de cada salmo das vigílias nocturnas de quinta-feira Santa. A designação provém da hora, porque começa ao anoitecer, e da acção litúrgica cheia de dramatismo. Ao começar o Benedictus já só há uma vela: a do vértice. Depois vão-se apagando as velas do altar-mor no decorrer do canto dos vários versículos.

Quando se entoava pela segunda vez a antífona do Benedictus o acólito retira a última vela do vértice e vai com ela para o altar. No momento em que o coro canta o Christus factus est esconde a vela atrás do altar. Concluída a oração final, os membros do coro batem com o livro nos bancos. O acólito retira a vela do esconderijo e coloca-a, de novo, no vértice do triângulo. O ruído cessa e todos se retiram.

O extinguir das luzes, até a igreja ficar mergulhada na escuridão, e o reaparecer da última vela que não se apagara mas apenas se escondera, pretende simbolizar a sepultura e a ressurreição de Cristo.

Esta teatralização evidencia a luminária ao serviço de uma ideia teológica: a vida do cristão é mergulhar na água baptismal para ressurgir nova criatura em Cristo, em memória pascal.

N.º 13 Mapa das viagens de São Paulo

Paulo nasceu entre o ano 5 e 10 da era cristã, em Tarso, capital da Secília, na Ásia Menor, cidade aberta às influências culturais e às trocas comerciais entre o Oriente e o Ocidente. Era judeu, cidadão romano e perseguidor das primeiras comunidades cristãs. Um dia, quando perseguia cristãos, a caminho de Damasco, apareceu-lhe Jesus Ressuscitado, transformando-o. Desde então, sua vida foi viajar pelo mundo, pregando o evangelho de Jesus Cristo e o mistério de sua paixão, morte e ressurreição. A conversão é uma das mais importantes da história da Igreja.

Mostra-nos o poder da graça divina, capaz de transformar Saulo, perseguidor da Igreja, no "Apóstolo Paulo" por excelência, que tem a iniciativa da evangelização dos pagãos. Roma foi a sua última viagem, aonde chegou na Primavera do ano 61. Viveu dois anos nesta cidade em prisão domiciliária e onde sofreu o martírio no ano 67.

N.º 14 Mapa das Descobertas

Os descobrimentos levaram os portugueses aos mais diversos mares e continentes. Por toda a parte criaram feitorias e fortalezas, ergueram igrejas e escolas e divulgaram a sua fé, costumes e cultura.

Do norte de África a Moçambique, de Goa ao Japão e do Brasil a Timor, várias marcas ou vestígios assinalam ainda hoje a influência portuguesa: práticas culinárias, armas, técnicas de navegação, arquitectura militar e religiosa e, claro, a língua. Povos das mais diversas etnias, alguns deles ignorados por todos os outros, foram dados a conhecer ao mundo. Mais do que isso, misturaram-se e criaram-se laços familiares.

N.º 15 Oratório com divindade budista

É concebido em madeira e talha dourada. No centro do topo está figurado um sol. Ao centro e nas laterais estão colocadas flores de tonalidade verde e vermelha. O objecto apresenta tonalidade dourada; preta na base, nas laterais e no verso. A estatueta em madeira dourada, figura uma divindade budista em posição de meditação. A figura apresenta-se com uma vestimenta dourada vermelha e com uma jaqueta verde; mãos, peito e face róseas; olhos a preto e branco e boca vermelha. Cabelo típico da divindade Buda de tonalidade preta.

N.º 16 Instituto Missionário da Consolata

O Fundador do Instituto Missionário da Consolata, o Beato José Allamano nasceu a 21 de Janeiro de 1851, e foi ordenado sacerdote em 1873.

Sete anos mais tarde foi nomeado reitor do santuário de Nossa Senhora da Consolata, em Turim, Itália, lugar que ocupou até ao dia da sua morte, a 16 de Fevereiro de 1926. É daí que lhe vem o nome de Missionários da Consolata: um Instituto de raiz profundamente mariana. Os seus membros sentem-se efectivamente participantes da própria missão de Maria: levar ao mundo a verdadeira consolação, Jesus Cristo.

José Allamano foi beatificado no dia 7 de Outubro de 1990, em Roma, pelo Papa João Paulo II. Fundou dois institutos missionários: o dos Missionários da Consolata (padres e irmãos) e o das Irmãs Missionárias da Consolata.

N.º 17. Sala de Etnologia

O Espírito que infunde as “sementes do verbo”, presentes nos ritos e nas culturas, e as faz maturar em Cristo

Rm. 28

Encontra-se aqui exposta uma rara colecção de objectos etnográficos de uso quotidiano de povos com os quais os missionários têm contacto. Objectos provenientes do Quénia, Tanzânia, Angola, Guiné, Moçambique, Brasil, entre outros, podemos apreciar nesta sala.

N.º 18 Recipientes do Povo Maasai

Os Maasai são considerados um grupo étnico africano semi-nómada, (com longos períodos de fixação no mesmo lugar) que habita a África Oriental (Quênia e Tanzânia).

É um povo pastor. Alimenta-se de leite e de carne. O leite é normalmente armazenado em recipientes de madeira, que são lavados com urina de gado. No entanto, não misturam leite com carne, porque acreditam que esta mistura levá-los-á a adoecerem, mas misturam leite com sangue, e só bebem sangue do seu gado. Para obterem o sangue de um animal sem o matarem, os Maasai colocam uma corda no pescoço deste e vão torcendo até a veia jugular ficar saliente,

depois atiram uma flecha com uma ponta pequena, para perfurar a veia. O jacto de sangue é então recolhido para um recipiente de madeira. A ferida do animal é tapada com estrume, para que o sangue possa estancar. Devido a esta dieta rica em proteínas, os Maasai possuem uma envergadura reconhecida como única, entre os povos africanos de diferentes etnias. Homens e mulheres são altos, esguios e fortes.

N.º 19 Adornos de Cabelo

Este objecto, pertence ao povo Turkana. São um grupo de pastores nómadas que vivem na parte ocidental do lago Turkana, no Quénia, a Leste do Uganda e a Sul do Sudão.

Relativamente aos adornos, os homens Turkana enfeitam os seus cabelos com penas, principalmente penas de avestruz, que mantêm dentro de um corno de um zebu. Quando ficam calvos constroem um género de substituto do cabelo que costumam pintar de azul, através da pele da mama da vaca ou da pele de avestruz e também utilizam algumas penas deste animal. Geralmente utilizam este tipo de penteados para festas ou danças.

N.º 20 Tanga

Assim, como os adornos têm um significado pelo tipo de artefacto utilizado, também o vestuário tem, não só, a função de cobrir o corpo, como de transmitir diferenças entre as mulheres. Na tribo Turkana as raparigas que ainda não casaram apresentam-se em sociedade com um avental (tanga) em forma triangular, feito de pele e de pequenas cascas de ovos de avestruz. A tanga é elaborada em pele e pequenos discos de casca de ovos de avestruz de formato triangular invertido, com a extremidade esquerda mais alta do que a direita. As fitas em pele prolongam-se para além das extremidades da cobertura de ovos de avestruz, que em uso, servem para prender a peça ao indivíduo que a veste.

O objecto apresenta tonalidade
acastanhada, da pele, e branco sujo dos
discos.

N.º 21. Via-sacra, Capela e Sala de Exposições temporárias

Subindo a rampa, à sua esquerda, poderá admirar belos vitrais com as várias estações da Via-sacra e no cimo não deixe de visitar o miradouro com uma deslumbrante vista para o bem cuidado jardim dos Missionários da Consolata e Basílica do Santuário de Fátima. Retroceda depois e desça até à Capela e Sala de Exposições Temporárias.

N.º 22. Capela

A Capela do Centro Missionário Allamano apresenta uma arquitectura muito curiosa que o historiador de arte Marco Daniel Duarte, no seu livro “Fátima, uma peregrinação estética” afirma ser “um dos mais interessantes espaços arquitectónicos da Cova de Iria.” A planta é centrada e constrói-se a partir da mais perfeita figuração do cosmos: o círculo. Esta capela do arquitecto italiano Gigi Cappa bava parece aludir à necessidade de o crente descer ao âmago, ao mais profundo. É na sua mais cavada cota que se celebra o mistério eucarístico, como outrora acontecia aos primeiros cristãos quando desciam às catacumbas.

N.º 23. Yanomami

Os Yanomami são um povo indígena que se distribui por um território de aproximadamente 192.000 km², numa região montanhosa e de floresta em ambos os lados da fronteira entre o Brasil e a Venezuela. Eles formam uma sociedade de caçadores-agricultores da floresta tropical do Norte da Amazônia, cujo contacto com a sociedade nacional é, na maior parte do seu território, relativamente recente.

Os missionários da Consolata encontram-se juntos deles há mais de 40 anos, tendo por objectivo evangelizar o povo Yanomami, fortalecendo a sua identidade como povo, acompanhando-o nas áreas da educação, saúde, diálogo inter-religioso,

favorecendo a sua autonomia e auto
determinação, denunciando as constantes
invasões das suas terras pelos
garimpeiros, arroteiros e madeireiros.

N.º 24. Adornos

É através do corpo que os índios transmitem as suas actividades artísticas, quer a nível do aspecto estético, pinturas e tatuagens, quer a nível de adereços. Cada grupo indígena tem o seu modelo, procurando através das modificações estéticas e adornos expressar esse modelo. A pintura do rosto caracteriza cada povo, que tem as suas marcas próprias. No que diz respeito à mutilação do corpo, também são visíveis as diferenças, pelos furos efectuados. Os lóbulos das orelhas são furados, seja para usar brincos feitos de plumas, seja para alargando um pouco mais, usando brincos feitos de madeira. Os lábios também sofrem esse tipo de modificação, podendo ser decorados com plumas.

Os Yanomani preferem as narigueiras espetando finas paus de madeira no nariz e nas bochechas, perto das comissuras da boca.

N.º 25. Malocas

Os Yanomami vivem nas chamadas casas comunitárias, as malocas, em forma de cone ou de cone truncado. As malocas são construídas com madeira, cipós, esteios e folhas e são construídas numa clareira da floresta. A parte exterior tem uma parede feita de ramos entrelaçados, onde se colocam barros amassados formando uma parede. O interior é amplo, a cobertura é feita com palha de buriti ou najá, que quando é cortada na lua certa, pode durar até 30 anos. A maloca tem uma única porta, servindo para todas as pessoas da comunidade, composta por vários grupos de famílias, onde habitam em comum entre cerca de 10 a 40 famílias.

Se as famílias forem poucas, a maloca é fechada no tecto; se o número de famílias for mais elevado a maloca é aberta no centro do tecto. A distribuição das famílias dentro da habitação é feita umas ao lado das outras. No interior, há um espaço para cada família, mas não existem paredes de separação entre uma família e outra. A demarcação do espaço é feita pelas redes, onde dormem e pelo fogo.

N.º 26. Natividade

Luís Jeri, natural do Peru, ao modelar a Natividade de Cristo deu-lhe um cunho marcadamente Inca, nota da sua matriz cultural.

A livre interpretação do mistério da Encarnação surge nesta obra conseguida com rasgos de total novidade no registo incomum com que a cena do Presépio é tratada: a Virgem a dar à luz o Menino, num quadro de maior emotividade, bem significada nos rostos e nas poses das figuras.

Os anjos, num misto de curiosidade e estupefacção, José, em esforçada assistência, e a própria Virgem Maria, que não esconde o transe difícil que atravessa, chegada a hora das Escrituras dos Patriarcas,

dos profetas e dos reis de Israel, o Povo Eleito, verem cumprido o anúncio que a Criação inteira aguarda em expectativa: um Deus que se ofereça aos homens e mulheres, sua imagem e semelhança, num rosto frágil de Menino, salvação para todos e de todos os tempos.

Esteve exposta na grande exposição do Jubileu de 2000 “Cristo Fonte de Esperança” no Porto, comissariada por Dom Carlos Azevedo.

N.º 27. Passos da Vida de Cristo

Ao longo dos tempos, os artistas africanos souberam traduzir em expressões próprias as maravilhas da história salvífica, num movimento que continua hoje a fazer-se. Tal é o caso da *Árvore da Vida de Cristo*, factura recente de um artista Makonde, da Tanzânia, que integra o acervo deste museu.

A obra divide-se em dois registos assinalados por um corte na madeira. No registo inferior estão representados temas da Natividade: São José, Nossa Senhora e o Menino no fundo do tronco, com duas ovelhas na cabeceira do berço. Acima estão os Magos e os Pastores entre uma multidão de figuras masculinas e femininas que se aproximam do Presépio.

Na divisão do registo está figurada uma estrela, aproveitando a cor mais clara da madeira.

No friso superior aparece, do lado esquerdo, a Fuga para o Egipto e, do lado direito, a Última Ceia, com apenas cinco comensais. No cimo de cada cena estão anjos de cabeça para baixo, um no lado esquerdo e dois no lado direito, sendo o do centro músico, com uma corneta. No ramo de trás representam-se duas figuras: uma de mãos postas na parte superior e outra com as mãos estendidas para baixo. Sugere a cena da Ascensão.

É uma obra vigorosa, carregada de mensagem, expressiva no acolhimento que manifesta da Boa-Nova.

Esta bela peça que se assume como uma verdadeira síntese da temática das salas visitadas neste museu, esteve patente na grande exposição do Jubileu de 2000 “Cristo Fonte de Esperança” no Porto, comissariada por Dom Carlos Azevedo.

N.º 28. Os Missionários da Consolata em Portugal

O missionário italiano, Padre João De Marchi, foi quem fundou o Instituto Missionário da Consolata em Portugal em 1943. Um ano depois, abriu em Fátima, o seu primeiro Seminário com apenas dez alunos.

Em contacto com Lúcia e familiares de Jacinta e Francisco Marto, começou a escrever sobre Fátima e sobre as aparições, resultando nas obras Foi aos Pastorinhos que a Virgem Falou (em 1945) e a sua principal obra, editada em 1946, intitulada Era uma Senhora Mais Brilhante Que o Sol, tendo esta 18 edições e traduzida em seis línguas.

As investigações realizadas pessoalmente no local dos acontecimentos, as informações que colheu sobre a vida dos pastorinhos e a forte amizade com o pai dos videntes Francisco e Jacinta Marto, permitem que Manuel Pedro Marto doasse aos Missionários da Consolata em 1956 o barrete do seu filho, bem como outros objectos pessoais.

Os Missionários da Consolata, no serviço que realizam na Igreja portuguesa, têm prioridade absoluta o trabalho de animação missionária e vocacional e a formação dos candidatos nos seminários. Confirmam-no as dezenas de missionários da Consolata portugueses que já trabalham em territórios de missão.

N.º 29 - Sala dos Pastorinhos

Inaugurada em 2000, aquando da beatificação de Jacinta e Francisco Marto pelo Papa João Paulo II, esta sala expõe a relíquia do Beato Francisco Marto, o carapuço. Este, foi oferecido aos Missionários da Consolata pelo seu pai, Manuel Pedro Marto, em 1956.

Para além de outros objectos pessoais do doador, a sala guarda uma pedra do túmulo de Francisco e Jacinta onde repousaram antes da sua transladação para a Basílica.

N.º 30. Final da visita

Convidamo-lo a assinar o nosso Livro de Honra e se o desejar deixe-nos algumas sugestões.

A saída efectuar-se-á pela recepção onde encontrará ao seu inteiro dispor a Loja do Museu, podendo adquirir diversas recordações de Fátima e deste espaço museológico.

Dispondo ainda de algum tempo, convidamo-lo a beber um café e visitar o nosso Pátio da Azinheira.

Informamos que dispomos de um Serviço Educativo com visitas guiadas para grupos escolares, de catequese, de terceira-idade e outros. Para mais informações dirija-se à recepção.

Estamos certos que esta visita terá sido da sua inteira satisfação.

Agradecemos ter vindo conhecer este verdadeiro museu de Fátima que se encontra integrado na Rede Portuguesa de Museus!

Ajude os Missionários da Consolata divulgando o Museu de Arte Sacra e Etnologia aos seus amigos! Obrigado!

Ficha Técnica

Textos da responsabilidade do Museu de Arte Sacra e Etnologia.

Trabalho realizado no âmbito da prova de aptidão profissional da aluna Catarina Alexandra Lopes Ferreira da Escola Básica e Secundária de Ourém.

Edição e impressão em braille: Luís Vicente - Centro de Recursos para a Inclusão Digital da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria.

